

A BARCA DE S. PEDRO,

PERIODICO POLITICO E TALVEZ DA OPPOSICAO.

Deus meumque jus!

Este Periodico pertence á nova **Sociedade Imperial Pernambucana**, e tem por objecto sustentar os principios liberais professados pelo partido nacional praeiro, cujos principios são: — Monarchia — Integridade do Imperio — Constituição — e Reformas na administração geral e provincial pelos meios que a mesma Constituição offerece.

NUMERO 8.

Terça-feira 11 de Julho.

4. SERIE.

Probabilidades de uma revolução no Brasil.

Temos sido desgraçadamente o echo das revoluções da Europa desde 1817 para cá; e de 1820 em Portugal foi a mais fértil para nós, por que nos trouxe a separação em duas communhões politicas, e fimeou-se para sempre a nossa Independencia. A revolução Franceza dos tres dias de Julho de 1830 tambem produziu a abdicação do primeiro Imperador, que tão grandes males acarretou consigo, sem que aproveitasse a lição: tal era o estado da nossa inesperienza em materias de governo. Escaparemos hoje dos tremendos effeitos da mais estrondosa revolução dos tempos modernos? Louca seria se o pensassemos, ou se vendo as barbas dos nossos visinhos arderem, não possessemos as nossas de molha.

Em qualquer circumstancia favoravel, em que nos achemos, seria inevitavel a *repercussão* dessas idéas no Brasil, muito mais no estado de anarchia legal, em que vegetamos como um povo sem leis e sem costumes. Se todos os homens, que desde 1822 até hoje tem dirigido os destinos da nossa patria, tivessem *in mente* preparar uma revolução de principios, não haverião obrado de outro modo, tornando odioso o sistema do governo actual, e como que impossivel qualquer melhoramento em materia de administração. Não ha idéa, por luminosa que seja, que não tenha sido aviltada pelas mãos impuras dos nossos Estadistas; não ha principio, consagrado pelas luzes do seculo, que não soffresse uma modificação assombrosa na pratica da nossa actual organisação.

Se pelos meios ordinarios é impossivel uma reforma radical na nossa administração politica, segue-se necessariamente que temos de fazel-a por meios violentos, e fora do alcance das vias ordinarias. Estes meios não podem ser outros senão uma revolução!! Quem a fará? Se fór feita pelo povo, teremos em primeiro lugar a anarchia, depois a guerra civil, que acalará por uma dictadura militar! Ganharemos alguma cousa com isto? não de certo, pelo contrario voltaremos meio seculo atraz para começar de novo, quando tenha desaparecido a prezente geração. Se fór feita pelas Camaras, attribuindo-se funcções constituintes, estabelecer-se-hia então o peor de todos os governos, isto é, uma especie de *timocracia*, porque além da omnipotencia parlamentar, que se arrogarião, teriamos necessariamente a tirannia de muitos, a peor de todas as tirannias.

Ainda assim qualquer dessas revoluções seria sempre parcial e incompleta, e a forma de governo desapareceria

em consequencia das infinitas parcialidades, que se formarião por todo o Brasil, cuja importancia, mais ou menos nociva á integridade do Imperio, acarretaria a desmembração deste colosso insubstente e mal constituido. Que remedio pois para um mal inevitavel? como preveniriamos as consequencias infalíveis desta *repercussão* tão temida pelo Sr. Paula e Souza? So um meio achamos efficaç e prudente, só um recurso para este processo das necessidades publicas, só uma valvula de salvação para evitar a explosão imminente de uma tremenda revolução. Qual será elle? E' que o Imperador, imitando ao actual Rei da Prussia, como elle se colloque á frente do seu povo, estude suas necessidades, ouça seus clamores, e faça a revolução, organisando o paiz de uma maneira estavel, solida e permanente.

Sabe-se que rebentara ultimamente uma revolução em Berlin, como a de Vienna, e de quasi todos os Estados da Alemanha; o rei da Prussia Frederico Guilherme oppoz suas tropas á revolução: o povo bateu-se, e ao cabo de vinte e quatro horas a victoria estava indecisa. El-rei viu que a revolução era inevitavel; mandou retirar a tropa, e collocou-se á frente do povo, fazendo todas as concessões por elle reclamadas. Frederico Guilherme é um dos reis mais sabios e prudentes da Europa; elle havia já encoetado grandes reformas na administração. Os Conselhos provinciaes, a reforma municipal, as franquezas departamentaes, e o Conselho geral, tinham sido obra sua; adstricto á confederação germanica, elle não podia ir mais longe, todavia foi o unico monarcha, que comprehendendo o estado intellectual das antigas raças germanicas.

Além da liberdade da Imprensa, e de outras garantias exigidas pelo Povo, ha em toda a Alemanha um desejo igual ao que nutria a Italia, isto é, o desejo de ver rennidas em uma só *nacionalidade* todos os governos da antiga *Germania*. Frederico Guilherme aceitou por tanto a heroica missão de reunir em um grande corpo politico as velhas raças Teutonicas e Slavonicas debaixo de uma só bandeira. Elle não duvidou de levantar a lava, que immediatamente lhe lançara o Autocrata de todas as Russias. Eis-aqui pois um rei grande revolucionario, eis-aqui um Caudilho do povo coberto com a toga de Cezar como legislador, ou com o manto de Carlos Magno como conquistador; não para conquistar reinos e Imperios, mas para levar a liberdade, e a nacionalidade, a todos os angulos do antigo Imperio germanico, para resuscitar as gloriosas recordações de um grande povo.

E' este o exemplo, que desejamos ver imitado pelo nosso Imperador; é este o modelo que lhe apresentamos:

como o unico, que tem a seguir nas delicias circumstantias, em que nos achamos. Seria loucura remata-la qualquer idea de repressão ou de compressão, porque a explosão seria nesse caso muito mais violenta e destruidora: o Brasil voaria feito em troços como os estilhaços de uma bomba. Se o Imperador attentar para a marclia do Seculo, verá nas paginas da historia antiga a serie dos acontecimentos, que devem succeder-se, como traçados e dirigidos pelo dedo da providencia. As civilizações tem seus progressos, suas crises e seus regressos; a intelligencia passa por todas estas transformações successivas como um tributo pago pela natureza humana. Ninguém pense, que pode fazer parar o relogio do tempo, onde nenhum mortal põe o dedo: ninguém o atrasa nem adianta. Aquelle louco ou presumido, que quiser pôr a mão no seu registro corre o risco de que um dos ponteiros dos annos, dos meses, dos dias, das horas, dos minutos ou dos segundos, lhe corte os dedos.

Conhecemos o caracter sisudo e circumspecto do Sr. D. Pedro 2.º, e sabemos que tem vasta intelligencia, mas é ainda muito novo para uma revolução semelhante; talvez tema que as redes da revolução lhe saquem das mãos; talvez julgue que não haja quem o acompanhe nessa cruzada da liberdade racional, e veja-se obrigado a ir mais longe do que desejaria ou fosse conveniente. Sem embargo não seria esta a unica difficuldade a vencer, e a maior consiste na feliz escolha dos homens, que deverão acompanhal-o nesta gloriosa empresa. Ainda assim nenhuma destas difficuldades devem obstar a execução do conselho, que damos ao Imperador, porque nem elle nem ninguém pode evitar hoje uma revolução no Brasil; por tanto nesta dura necessidade aceite a missão da Providencia, e siga os dictames do seu coração ou a influencia da sua boa ou má estrella; na certeza de que, se não quiser collocar-se no carro da revolução, corre o risco de ser esmagado por elle quando passe desembestado pelas multidões desenfreadas, ou por uma timocrazia turbulenta e ambiciosa: *entre dois males o menor, é conselho da prudencia.*

A nossa posição actual.

Dissemos no artigo anterior (tal é a nossa intima convicção) que era inevitavel uma revolução no Brasil, e apontamos os unicos tres meios porque ella pode ser feita: isto he, pelo povo, pelas Camaras, ou pelo proprio Imperador, e é este o nosso conselho. Tambem já dissemos em outro artigo, que tem por titulo — *Centralisação do Poder* — que as provincias não estavam habilitadas para fazerem uma revolução no genuino sentido desta palavra; donde partirá ella? da Côrte, e somente da Côrte. Se a revolução for feita pelo Imperador, no sentido das necessidades publicas e das franquias provincianas, está claro que a devemos accitar com ambas as mãos; porem se ella vier de um tumulto popular no Rio de Janeiro, ou das Camaras, ou de uma sedição militar como em 1831, o que deveremos nós fazer?

Abstrahindo de todos os nossos odios mesquinhas e pessoais, convidamos a todos os nossos colegas da Imprensa para esta discussão importante e vital, na certeza de que o tempo urge, e não ha um só momento a perder; qualquer dia, qualquer hora pode soar o clarim da guerra civil, tocado pelo mão genio do Brasil; a cada momento pode chegar o Vapor do Sul, trazendo-nos a infamta noticia de uma revolução na Capital do Imperio. O que faremos nessa hora azinga de

tremenda agonia? qual será o nosso paradeiro, divididos por tantos rancores pessoais, por tantos odios inveterados, por tantas cisarias e intrigas, por tantos interesses desencontrados, por tanta loucura, por tanto desatino? Eu vol-o digo: um partido abraçará a revolução, outro se opporá á ella, e se collocará no campo das reacções violentas; um chamará em torno de si os interesses do Rio de Janeiro, o outro appellará para o brio da provincia; um receberá com signaes de abjecta submissão todas as mudanças e alterações, que alli se fizerem, o outro repillirá toda e qualquer reforma só porque partiu da Côrte; e a consequencia desta prolongada anarquia?

Desejamos uma revolução, ou melhor dito, accitaremos uma revolução, porque ella he hoje inevitavel, mas não queremos uma revolta, nem um tumulto, nem uma sedição militar, venha ella donde vier. Desejamos uma completa reorganisação do paiz debaixo dos principios, que temos estabelecido neste periodico. Não se mais que havemos elucidado, quanto cabe em nossas fracas forças, todas as questões administrativas, e não cremos que haja um só brasileiro, digno deste nome, que se opponha á conveniencia momentosa de semelhantes medidas, e até nos asseverão, que tnes são as convicções dos nossos proprios alvarcaarios; pelo menos ainda nenhum impugnou até hoje as nossas ideas, nem as repilliu por insensatas ou extemporaneas. Sem embargo, não é esta a questão, que envolve a nossa actualidade, mas se devemos accitar qualquer revolução feita no Rio de Janeiro, como accitamos a *abulcação e a maioridade.*

A nossa opinião é que devemos preparar-nos para este lance da fortuna, para esta quase certa perspectiva do drama, que se está representando no Rio de Janeiro. Não nos enganemos sobre as consequencias infaliveis da luta entre o Senado e a Camara; não dormamos sobre a fragon, que sibila soprada pelo folle das paixões exarcebadas e em completa ebullição. Vede o poder a braços com a sua propria impotencia e ignorancia; vede um ministro, que mais se occupa das suas molestias habituaes que dos males do paiz; vede um governo sem unidade e sem acção, estragado por sua propria incapacidade; vede substituirem-se os ministerios como as toilhas de mesa, sujos e porcos pelas migallias do banquete nacional; vede esta luta de gladiadores na camara dos Deputados, e o circo onde elles se ostentão á vista do Senado brasileiro como o de Roma presenciava o combate em tempo dos Imperadores; vede a esse mesmo Senado, cheio do odios acerbos, sem consciencia de si mesmo nem do paiz, lançar ao Imperador um cartel de desafio, tão fútil em desastrosas consequencias; qual será o nosso paradeiro?

Entretanto Pernambuco, nossa patria, passivo e mudo contempla tudo isto como se assistisse á representação de uma tragedia; talvez tomavá pela cadencia harmoniosa dos versos de Ferreira o ribombo do canhão na hora dos desenganos; ai! quem o illicra! equase como loucos bradaremos á poesia: salvação. . . Navegamos em mar de rosas, não é assim? pois hem, alli está o parcel onde devemos encallar; todos divisão o borbulho das ondas, que se amontoão, que se quebrão com fragor medonho, e se repellem para volver de novo sobre si, ameaçando o nosso fraco baixel, e nem um piloto ao leme, e nem um marinheiro que prepare o hote; salvação, grillo todos ao primeiro abalo, e o ceo perder-se-ha na sumidade das nuvens. Quando o naufragio é completar, quem escapará do furor das ondas populares, quem poderá escrever sobre a areia de praia hospita-leira: até aqui me trouxe o mar?

He uma loucura pensarmos que o governo é entre nós o simbolo do poder, ou que os partidos ganha-

ção ou perderão com um presidente deste ou daquelle lado. A impotencia do Governo do Rio de Janeiro reflecte sobre o de todas as provincias: um presidente só vem augmentar os nossos odios e rivalidades mas não desarmará os partidos, nem lhes dará força nem consistencia, porque não pode dar o que não tem nem mais do que tem. Vivemos em permanente reacção porque somos comprimidos a cada instante por nossas mutuas loquuras: nenhum presidente mudará esta ordem de cousas até que um desfecho no Rio de Janeiro venha collocar-nos em um campo de batalha. Preparai-vos, a luta é inevitavel; mais ou menos sanguinolenta ella mudará de situação dentro da nossa Capital; ambos os partidos perderão a mão, o nosso campo passará para os haeharos, como passarão os de Roma e os do baixo Imperio depois de suas guerras intestinas.

E o que faremos então, para quem appellaremos? já sondastes toda a profundidade do abismo da anarquia? mentecaptos que somos! Inscrovei se quizerdes na vossa bandeira a legenda dos dias 26 e 27 do passado, que nós a gravaremos depois sobre a lousa das vossas sepulturas. Não nos calunniais, porque fomos os primeiros que vos bradamos: parai, e vós avancastes, e lançastes uma seta, que não tinha sobrescripto, e ella vos ferio. Discutamos com calma as nossas posições, attendemos para o Rio de Janeiro, donde nos pode vir todo o mal, porque é de lá que ha de partir o primeiro tiro de canhão; responderemos a elle? Calculai as nossas posições para nos não confundirmos na peleja sem necessidade; briguemos, se assim é de mister, mas façamo-lo por nosso proprio proveito, e nunca pelos mesquinhos interesses do Rio de Janeiro, isto seria, alem de eminentemente selvagem e atroz, de uma estupidez inqualificavel.

Acontecimentos dos dias 26 e 27 do mez findo.

Um conflicto entre alguns alumnos do Lyceo e um portuguez, caixeiro de um armazem de carne seca na rua da Praia, motivou os deploraveis acontecimentos que vierão enlutar os ultimos dias do mez que acabou. Ignoramos donde partiu a aggressão, mas o certo é que o portuguez deu com um pezo na cabeça de um dos alumnos, e o estendeu sem sentidos. Todos os companheiros do estudante offendido tomaram, como era natural, parte activa na des affronta, e começaram a incitar os que passavam contra o ultrage que um dos seus colegas acabava de soffrer.

Os brados e vaciferações augmentavão á proporção que tambem crescia o numero de concorrentes, e as vias de facto seguirão-se immediatamente ás vociferações. Chegaram logo varios destacamentos de policia, que se confundirão com os motinadores, e appareceu verdadeira anarquia na rua da Praia, que passou a do Rangel, e teria ido adiante, se não fosse a coragem, e o zelo nunciam dementido do então subdelegado Feliciano Joaquim dos Santos. Nesse comenos o Exm. Sr. commandante das armas enviou ao lugar do conflicto o seu ajudante de ordens o tenente Manoel Francisco Monteiro, o qual praticou actos de valor, de generosidade e de um civismo inimitavel, expondo-se a morrer muitas vezes entre os punhaes dos desordeiros para salvar as victimas arrancadas dos armazens ou das casas abertas com violencia; nós o vimos passar cobrindo com o seu corpo a alguns daquelles desventurados, que elle salvara do poder da vingança, enquanto outros já feridos, entre as escoltas da policia, erão aggreddidos, e novamente espancados no meio de um tumulto espantoso.

Já tinham havido 2 ou 3 mortes, e alguns ferimentos

em portuguezes; varios armazens, vendas, e casas tinham sido arrombadas á golpes de machado nas ruas da Praia e do Rangel, quando pela volta de 4 para 2 horas da tarde appareceu o Sr. commandante das armas com o 4.º batalhão de artilharia e o 5.º de fuzileiros, acompanhado pelo Sr. chefe de policia interino Gervasio Gonçalves da Silva, e cessarão desde logo as violencias, e os assassinatos. O Sr. coronel Lourenha e o Sr. Gervasio empregarão unicamente as admoestações, pedindo aos diferentes grupos, que se retirassem. Pelas tres horas da tarde concorrerão á rua da Praia algumas pessoas gradas, e todas empregarão os seus esforços, a pedido das autoridades, para fazer dissolver os ajuntamentos; e com effeito as cinco horas muito poucas pessoas restavão, notando-se nos pequenos grupos alguns pretos escravos, rapazes e curiosos. O Sr. chefe de policia nomeou ali mesmo delegado ao Sr. Feliciano Joaquim dos Santos, e subdelegado da freguezia de Santo Antonio ao Sr. José Higinio de Miranda, á cuja disposição entregou o Sr. commandante das armas uma força de 20 homens do 4.º batalhão de artilharia, e retirou-se com os dois corpos de linha para o palacio da presidencia.

O bairro do Recife tinha permanecido tranquillo; apenas um ou outro discolo da infima classe tinha querido insultar ao subdelegado o Sr. Thomaz d'Aquino que deu logo a sua demissão, não sabemos porque. O bairro da Boa-vista tambem se conservou tranquillo; e alguns pequenos ajuntamentos foram logo dissolvidos a pedido dos Srs. Clorindo Ferreira Catão e Manoel Elias de Moura. Pela noite houverão grupos e reuniões no pateo e rua do Collegio; algumas pessoas gradas se apresentarão entre os grupos a mostrar-lhes toda a fealdade, e ate loucura de suas pretensões exaggeradas. O governo tomou serias providencias, e a noite se passou sem tumulto nem desordem alguma. O Sr. Dr. Gervasio, havendo-se retirado com o Sr. commandante das armas para palacio, deu ali a sua demissão de chefe de policia interino, e foi nomeado em seu lugar o Sr. desembargador Manoel Rodrigues Villares. Ignoramos a causa desta demissão, e a sentimos, ainda quando este sentimento fosse em parte mitigado pela nomeação do seu successor.

No dia 27 começaram logo pela manhã a formar-se novas reuniões no pateo e rua do Collegio. Novos attentados se commetterão nas Cinco-Pontas; os grupos tambem se reunirão na Boa-vista, com intenções sinistras, porém o Sr. Catão appareceu immediatamente, e dissolheu os que estavam no largo do clafaria, e na rua da Santa Cruz, e logo depois apresentou-se o Sr. subdelegado Antonio Pires com um forte tropo de policia; assim mesmo se repetirão até a tarde alguns attentados de maior ou de menor importancia. O grupo do pateo do Collegio permanecia em suas pretensões, e afinal produziu um papel a que derão o nome de representação, sem uma só assignatura, e o levirão a assembléa provincial no meio de insultos, e de ameaças tão asquerosas como quem as proferia. A assembléa nomeou uma commissão para dar o seu parecer acerca da tal representação. Não reproduzimos esta peça curiosa porque os nossos leitores a terão ja visto estampada no *Diario de Pernambuco*. Algumas outras pessoas, prevendo o desfecho, que teria a representação anterior, traxirão outra respeitosa e submissa, e a fizeram assignar por grande numero de individuos. Esta representação, cujo teor publicamos no numero anterior, foi levada á assembléa provincial no dia 28, e accetta' com demonstrações de consideração e benevolencia.

Finalmente não era possível, que permanecesse por mais tempo este estado de condescendencia por parte do governo, o qual mandou pela força de 1.ª linha e da

gencia nacional dissolver os grupos, levando á sua frente o Sr. chefe de policia interino, desembargador Villares. Felizmente appareceu tudo sem effuzio de sangue; o Sr. Villares portou-se com dignidade, e ao mesmo tempo brandura e civilidade. Os batalhões de linha portarão-se com muita disciplina, boa ordem e moderação. O Sr. commandante das armas, coronel Lemoula, foi incansavel: um dos nossos veteranos elle se mostrou, como sempre, bravo e amigo do povo. Teve tambem o adjutorio de muitos officiaes de linha, pois além dos officiaes superiores dos corpos, o Sr. coronel Burlamaque prestou serviços relevantes, expondo-se no dia 26 a insultos e mil provocações dos desordeiros com uma constancia e sangue frio admiraveis.

O Sr. José Hygino de Miranda, rico proprietario, e pai de numerosa familia, foi um dos homens que mais serviços prestou nesses momentos azagos: nunca vimos mais coragem e dedicação; elle acaba de ser substituido por . . . não dizemos por quem, pois temos vergonha de dizel-o nesta capital da provincia de Pernambuco. Repellimos inteiramente do povo pernambucano o facto do dia 26; não se confunda o povo com aquelles grupos, que vimos na rua da Praia e no pateo do Collegio; não, pelo amor de Deus, não foi o povo, nem louve a este respeito o menor sentimento popular, com quanto haja entre a população e os portuguezes odios e agravos desde a independencia.

(Diário Novo.)

RIO DE JANEIRO.

A Proposta do Sr. Nunes Machado.

E' já tempo de attender ao bem estar do Cidadão Brasileiro, e de convencer-nos que em nossa sociedade ha males a que prompto devemos dar remedio.

Até hoje os nossos homens de Estado tem erido — em mal — que seus esforços só tinham de empregar-se nesta luta de partidos; e no entanto a sombra deste deleixo nascerão, e hão ido vigorando males, que para extirpal-os é de mister muita forza de patriotismo, porque nesse empenho se tem de offender interesses — se bem que illegitimos — fortemente plantados.

Deste pensar foi o nobre deputado o Sr. Nunes Machado; viu esses males, conheceu a urgencia de dar-lhes mate, e começou daquelle que considerações alheas do bem publico já haviam feito crer que sempre seria resputado.

Não pertencemos ao lado politico do Sr. Nunes Machado; mas como este seu proceder é mui digno de louvores, damos-lh'os de boamente — que não somos nós de negar o justo a quem for devido.

Este nobre deputado no dia 3 offereceu á camara o seguinte projecto sobre o qual faremos algumas observações.

« A assembléa geral legislativa, resolve.

« Artigo unico. E' privativo do cidadão Brasileiro o commercio á retalho. O governo marcará um prazo razoavel, depois do qual não poderá continuar as casas estrangeiras, que vendem a retalho, actualmente existentes.

« Ficão revogadas todas as disposições em contrario.

« Páco da camara dos deputados, 3 de Junho de 1848. — Nunes Machado. — Lopes Netto. — Arruda Camara. — Faria. — Villela Tavares. — M. Sarmiento. »

Ninguem ao estudar o estado da nossa sociedade pôde deixar de no primeiro lanço d'olhos conhecer, que

tristissima é a condição do Brasileiro — em seu proprio paiz! — Pela tão protegida concorrência dos estranhos difficilimo, senão impossivel, lhe é dedicar-se ao commercio e á industria; e dahi vem a necessidade de mendigar empregos publicos aquelles que o podem fazer — e de viverem os outros, porque assim o digamos, em completa miseria.

Entrão nesta côrte todos os dias embarcações pejudas de estrangeiros, que, em vez de irem substituir na lavoura os braços escravos — aminho-se nesta boa cidade do Rio de Janeiro — e assistidos da poderosa protecção dos seus levão ao cabo cerrar aos nacionaes todas as avenidas, nem só do commercio de retalho, como tambem de toda a occupação laboriosa.

Longe de nós o desejo de excitar paixões ruins, e é por isso que não vamos com mais affeição máo levantar o véo que encobre os — Mysterios — dessa protecção. Historiamos tão somente um facto, cuja verdade apparece a olhos vistos.

Corra-se esta immensa cidade, e onde se achar uma casa de commercio de retalho, uma fabrica, ou o levantamento de um edificio, quasi por certo se pôde ter que abi não ha um Brasileiro, que seja empregado, e muito menos dono! Se alguém quizer encontrar Brasileiros, lhe é de mister visitar ruas escuras onde em miseros caschês buscão ganhar o sustento talvez de numerosa familia, que os e estrangeiros não tem!

A medida do Sr. Nunes Machado demove em grande parte este mal gravissimo, e assim o nobre deputado bem merece do paiz: mas possamos a considerar outro bem que a medida produz, e que é de summa importancia.

Sendo exclusivo dos nacionaes o commercio de retalho — estes terão vantajosas posições sociaes dados pelas riquezas: as quaes não se accumulando tão somente em mãos de estrangeiros, não poderão estes exercer tanta e tão perniciosissima influencia nos negocios publicos de um paiz que não é seu. Enquanto não fiarem, os Brasileiros os unicos, que tenham essa influencia, não se poderá dizer que temos independencia nacional.

Poremos fim a este artigo, lembrando que a concorrência dos estrangeiros no commercio de retalho, na industria de um paiz, é tão odiosa, que lá na França e Inglaterra se agita o povo para afastal-a: se nesses paizes, onde ha tão poucos estrangeiros trabalhadores, é ella insupportavel, quanto mais nos paizes sul-americanos como o nosso, onde o numero destes é tão grande, e onde querem — não todos mas a mór parte — exercer uma influencia quasi sempre funesta! !

(Americano.)

PERNAMBUCO.

TYP. IMPARCIAL. — POR S. CAMINHA. — 1848.